

# 1.

## Introdução

Aos caminhos, entrego nosso encontro

Caio Fernando Abreu

Nossa mente não só olha para as coisas e se posiciona diante delas, como constrói aquilo com o qual se relaciona. Essa é a chave por mim encontrada para entender e praticar as perspectivas construtivistas desenvolvidas, principalmente, por Siegfried J. Schmidt.

Por essa chave, o sujeito pode ser entendido como ponto central da teoria. Instância empírica de construção de sentido, socializado e pluralizado, constrói significado a partir do que vê, lê e percebe. Ele dá o enquadramento teórico ao que está adquirindo de acordo com seu domínio cognitivo por meio da aplicação de normas, de convenções e da utilização de estereótipos que internalizou durante o processo de socialização (em seu respectivo grupo social). O sujeito é uma função, construção permanente e dinâmica, assim como a identidade.

Nós, os sujeitos, devemos ter a consciência do caráter construtivo de nossa identidade e da capacidade de realizar a observação da observação: perceber ou indagar como atribuímos sentido ao que vemos, interpretamos e descrevemos; como são organizadas nossas experiências e a percepção de nosso mundo experiencial; de como são tiradas conclusões e de como são construídas estruturas.

Esse sujeito/observador não é indivíduo, mas instância de produção de sentido; não é dissociado da sociedade, mas completamente inserido em

sistemas sociais, modelos de realidade e programas de cultura nos quais foi educado e com os quais se relaciona.

Para Siegfried J. Schmidt, isso não é uma abstração filosófica ou a possibilidade de pensar em um observador ideal. Todos nós deveríamos ter essa percepção, mas cabe ao teórico (de qualquer área de saber) a responsabilidade de ter consciência dos sistemas que moldam seu olhar e das circunstâncias nas quais produzem conhecimento. Schmidt os chama de observadores de segunda ordem.

Mas como esse sujeito/observador contemporâneo, que recebe uma hiperestimulação extenuante, pode aplicar modelos de teorização que pressupõem a perspectiva construtivista na vida cotidiana?

Por isso, o encontro com dois intelectuais, professores, que atuaram em diversas áreas de saber e escreveram autobiografias intelectuais me fizeram perceber a oportunidade de utilizar a perspectiva construtivista na análise da prática da escrita e como proposta de vida: Edward Said (1935-2003), com *Fora de lugar* (2004); e Pierre Bourdieu (1930-2002), em *Esboço de autoanálise* (2005).

Essas autobiografias intelectuais serão analisadas com base no conceito de ego-história, cunhado por Pierre Nora (1987), que lançou a ideia em uma coletânea de ensaios no fim dos anos 1980. Para ele, era o laboratório de elaboração de um novo gênero surgido de necessidades: adequar a prática historiográfica aos movimentos que abalaram as referências clássicas da objetividade, reivindicar a investigação do presente também pelo historiador e perceber a relação entre vida e prática acadêmica.

Nos ego-escritos, pode-se perceber a produção de múltiplas e heterogêneas subjetividades, que constrói uma nova forma de falar de si que reúne vivências compartilhadas por vários indivíduos.

Esse conceito é outro ponto-chave porque problematiza a escrita na primeira pessoa do singular e a insere na produção teórica que propõe a construção de uma experiência, e não apenas de um relato de vida. Apesar

disso não ser algo novo, dar-se conta da possibilidade dessa escrita no contexto paradoxal da condição de narrador contemporâneo é uma novidade e, como diz Heidrun Krieger Olinto, inaugura “um novo estilo (auto)biográfico intelectual” (OLINTO, 2006, p. 221).

Os livros de Said e Bourdieu citados nos guiam no aprofundamento de outros conceitos importantes desenvolvidos por Siegfried Schmidt, principalmente os de história, memória e literatura. Importantes porque, com base neles, é que será relacionado o fim da percepção das dualidades – para Schmidt (1982), não pode haver dualidades em um mundo que está próximo do que vislumbrou a física moderna e a mística oriental: um sistema de componentes inseparáveis que se influenciam mutuamente e que estão em constante movimento.

No entanto, Said e Bourdieu foram socializados em um mundo dualista, no qual trabalho e vida, arte e política, individual e coletivo eram oposições. Mas não são narradores/autores ingênuos, presenciaram as transformações do século XX e as viveram. Por isso, mesmo muito diferentes como propostas narrativas, de vidas e de vozes, explicitam a necessidade de escrever seus livros – diante da certeza da morte do corpo doente e/ou da implacável ação do tempo/velhice – pela dolorosa percepção de que o código simbólico que permitia a produção de conhecimento não mais correspondia às percepções e aos afetos que marcaram seus corpos.

É aqui que o corpo do sujeito empírico se faz presente. Schmidt utiliza conceitos do biólogo Humberto Maturana, que estuda a emoção como reação física e a vida como um processo de cognição. O corpo marca a tentativa de aproximar experiência e conhecimento na narrativa, produzindo na opção pela estética ficcional uma “rememoração produtiva” (HUYSEN, 2000, p. 35).

Enfim, os ego-escritos e seus autores, ao transformarem a teoria em narrativa, possibilitam aos teóricos se fundirem com o objeto e aquecem o debate sobre o vínculo entre suas ideias particulares e o pensamento contemporâneo. Além disso, por utilizarem a escrita ficcional – mas não com situações e personagens inventados – explicitam o caráter construtivo de nossa

identidade, refletem sobre seus papéis sociais e institucionais e expõem as próprias perplexidades diante das transformações vividas.

Não se trata apenas de pensar sobre o que se faz, mas explicitar, na prática da escrita, a tentativa de adequar as experiências com os relatos delas, questionar as estruturas herdadas do passado e diminuir a tensão, que parece irrevogável, entre o modo como sentimos que vivemos e as formas usadas para exprimir essa sensação. E isso não envolve apenas modos de percepção e avaliação de modelos teóricos, mas também posturas de vida que repercutem dentro e fora do meio acadêmico.

Esses são os pressupostos presentes em todo o trabalho que acompanham a sequência de minha avaliação teórica de tudo que li, vi e conheci durante o período de elaboração da tese. Para desenvolvê-los, segui uma divisão por capítulos que tenta, na escrita, dar conta dos caminhos escolhidos.

Mas ressalvo – meu roteiro segue as pegadas de Siegfried Schmidt e as estradas por ele, em algum momento, sugeridas. Principalmente com base no livro *Histories&discourses* (2007), desenho de um novo construtivismo que tem como estratégia para resolução de problemas a mediação entre autonomia cognitiva e orientação social. As histórias que experimentei ou ouvi durante minha vida, e que eu possa lembrar a mim e a outros por meio de narrações, me ajudarão sempre em uma situação de ação concreta a escolher possibilidades de agir que envolvem atos de fala e de emoção. (Principalmente porque busco em outras épocas e outros textos dele o início de ideias defendidas no livro de 2007. Schmidt vive na escrita e no desenvolvimento da teoria a concretude da identidade que não para de ser construída).

Dessa maneira, para entender um pouco o contexto em que Bourdieu e Said atuavam, optei por trabalhar com diferentes disciplinas e olhares que desenvolveram conceitos e propostas de trabalho e vida com base em modelos teóricos que, principalmente a partir dos anos 1960, questionaram verdades absolutas e universais. O foco será em algumas mudanças nas áreas da história, da antropologia e da literatura. Transformações que influenciaram a forma da escrita teórica e a produção do conhecimento.

Era momento de, a partir de uma autorreflexão crítica de práticas teóricas utilizadas, reconhecer a atividade do teórico como parte de um sistema social geral. As vidas no tempo de Edward Said e Pierre Bourdieu, com os recortes que fiz, permitiram começar a construir e a definir relações possíveis com as propostas de Schmidt sobre memória, identidade, comunicação e sinceridade.

Questões fundamentais para debater a importância que o estudo da autobiografia adquire na contemporaneidade, envolta em uma hiperestimulação extenuante, principalmente em função dos meios de comunicação de massa. Entre diversas possibilidades – até porque a proposta aqui não é fazer uma análise exaustiva de escritas de memória –, são as palavras e os conceitos de Leonor Arfuch que dialogam com os paradoxos que se apresentam a partir da escrita do “eu”, a exigir relação simultânea entre público e privado, realidade e ficção.

Os conceitos de espaço e de valor biográfico trabalhados por Arfuch permitem debater a autobiografia fora da questão referencial a uma realidade preconcebida, como também encontrar em diferentes jogos autorais a chance de, como leitora, conhecer outros mundo e novas realidades.

As propostas de Arfuch também tornam estimulante a análise sobre construção de identidade individual e social desenvolvida por Schmidt (2007). Até porque a questão da identidade está diretamente relacionada ao que o teórico alemão destaca como dois problemas centrais da ação humana: temos sempre a possibilidade de selecionar (consciente ou inconscientemente) o conjunto de alternativas que podemos imaginar concretamente em determinado momento. Seleção constitui necessariamente contingência e vice-versa. E lidar com a contingência é, portanto, uma tarefa permanente da vida social humana.

Como trabalho teórico, a observação de segunda ordem permite pensar sobre o trabalho do intelectual e suas escolhas, a produção cultural e a construção de identidades narrativas. Fundamentais para ressaltar a importância de autobiografias intelectuais, que possibilitam ao teórico ser personagem de seus escritos e mostrar como lida com as seleções, escolhas de vida, em determinadas contingências. Tudo isso discutindo, no próprio ato da

produção textual, a narrativa em primeira pessoa do singular e a construção da memória.

Atitudes que podem ser sentidas nos ego-escritos de Said e Bourdieu, não tratados como exemplos, mas como alternativas de produção teórico-conceitual narradas explicitando, e assumindo, a moldura do “eu”.

Pierre Bourdieu, em *Esboço de autoanálise* (2005), trabalha o tempo inteiro com a moldura da sociologia. Seu texto não faz referência a sua mulher e a seus filhos, por exemplo, mas está cheio de análises sobre suas escolhas teóricas, seus embates intelectuais e suas angústias diante das disputas do mundo acadêmico.

Edward Said, teórico da literatura, tem como “moldura” – e uso esse termo pelo que expõe o que está de fora e pelas fronteiras que tenta estabelecer – do “eu” a questão geográfica e cultural na construção da história de uma vida. Ele é, eternamente, o *Fora de lugar* (2004). Para ele, os afetos estão enredados pela infância e pela terra de origem idealizada, e tudo passa pela compreensão do papel das humanidades no mundo contemporâneo e de sua função política.

No prefácio de *Histories&discourses* (2007), Schmidt diz que alguns problemas centrais do construtivismo radical – realidade da realidade, a relação entre atualidade e realidade e a construção da construção – estarão sempre presentes. Mas isso não deve ser visto como uma forma de resolver o problema em questão, mas como possibilidade de sua dissolução em nova proposta teórica.

O mais interessante é que na escrita em que o corpo se insere e se torna presente, as possibilidades de leitura que envolvem a produção de teoria na primeira pessoa percorrem caminhos nos quais a emoção da convivência, do trabalho, das dores e dos amores compartilham o desenvolvimento de um conceito e o nascimento de um olhar que será mais tarde teorizado.

O que permitiu alinhar pressupostos de Siegfried Schmidt, Pierre Bourdieu e Edward Said, envoltos na questão de Maturana (2005): “Viver e

conhecer são mecanismos vitais. Conhecemos porque somos seres vivos e isso é parte dessa condição. Conhecer é condição de vida na manutenção de interações” (MATURANA, 2005, p. 21).

Ele afirma que é na interação, no afeto e no amor que o homem conseguiu desenvolver a linguagem e a vida em sociedade. Por isso, essa é a natureza do homem – aceitar o outro, mesmo que discorde dele, em sua vida.

Maturana diz que reconhece o humano no entrelaçamento entre a biologia e o social, entre meu corpo e seu corpo. E isso não tem nada a ver com a razão, mas com a emoção – “disposições corporais que especificam domínios de ação” (aliás, o racional está fundado em determinado tipo de emoção). Para ele, a emoção que funda o social é o amor: “Não digo como o Papa – ‘o amor é mais forte’. Digo que a biologia é mais forte. O amor não é uma coisa especial, é cotidiano” (MATURANA, 2005, p. 85).

Utopia? Não sei, mas as pesquisas giraram em torno disso, assim como seleções e contingências, o que quer dizer que a parcialidade e a emoção aqui depositadas são enormes.